

CIDADES EM TRANSE: COTIDIANOS EM CONEXÃO - A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA COMO UMA PRÁTICA E METODOLOGIA DE ENSINO

NEWAN ACACIO OLIVEIRA DE SOUZA¹; MARTHA RODRIGUES FERREIRA²,
FELIPE AURÉLIO EUZÉBIO³; LOUISE PRADO ALFONSO⁴

¹Universidade Federal do Rio Grande – newansouza@outlook.com

²Universidade Federal de Pelotas – martharof@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - felipe.aurelio197@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – louiseturismo@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como intuito discutir acerca da realização de atividades de extensão na prática de ensino universitária. As reflexões aqui contidas são fruto da inserção de pesquisadores-discentes no GEEUR (Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos) do Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas. Coordenado pela Prof^a Dr^a Louise Prado Alfonso e formado por outros/as pesquisadores/as da área, esse grupo desenvolve diversas pesquisas sobre a Antropologia Urbana, Patrimônio, Antropologia Rural e do Meio Ambiente. Compreendendo a essencialidade das atividades de extensão, como propagação dos conhecimentos gerados nos espaços acadêmicos, a inserção da comunidade externa nas discussões propostas por tais espaços em suma elitizados (MAZZILLI, 2011) e o atendimento de demandas do público externo por parte da Universidade, acreditamos que assim nasça e floresça nossas colocações.

A partir do Projeto de Pesquisa Margens: Grupos em Processo de Exclusão e Suas Formas de Habitar Pelotas, composto por estudantes de diversos cursos de graduação e pós-graduação da UFPel (Antropologia, Arquitetura, Artes Visuais, Ciências Sociais e Turismo) como de outras universidades (FURG, UFRGS), são expostas percepções enquanto aluno/as sobre como é organizar, realizar, participar e aprender a partir das atividades e eventos de extensão.

2. METODOLOGIA

No âmbito do Margens, como carinhosamente é conhecido o projeto de pesquisa, se articula e desenvolve produções, tanto acadêmicas quanto de popularização, a partir de seus projetos de extensão que nascem e tomam vida com demandas externas trazidas ao grupo. Atualmente, em execução, existem três projeto de extensão vinculados à pesquisa: *Mapeando a Noite: O Universo Travesti*; *Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas* e *Narrativas do Passo dos Negros: Exercício de Etnografia Coletiva para Antropólogos/as em Formação*.

Anualmente, o projeto de pesquisa realiza, a partir das discussões de cada projeto de extensão, um evento de oficinas e rodas de conversa com intuito de aproximar Universidade e Comunidade. Essas atividades são realizadas em espaços externos ao da Instituição.

Esse ano, com a temática *Cotidianos em Conexão*, o evento ocorreu entre 27 de maio e 02 de junho de 2019. As atividades aconteceram em lugares como o

Mercado Central, Bibliotheca Pública Pelotense, Travessa Conde de Piratini (Ao lado da Bibliotheca Pública Pelotense) e a sede do Osório Futebol Clube.

A proposta é que as discussões que ocorrem na Universidade, nas suas salas e espaços institucionalizados sejam questionadas em outros cenários e dinâmicas de sociabilidade com outros grupos, em especial com a ampliação das relações com as comunidades interlocutoras.

Neste ano, tivemos as seguintes atividades: *Conversas sobre Comidas e Orixás: Um Piquenique no Mercado Central*, trazendo uma visão das relações entre os orixás e comidas, vinculada ao projeto Terra de Santo; *Bruxas e Pombas-Giras: A Construção da Mulher como Mal no Ocidente*, uma oficina que buscava problematizar as relações entre as representações femininas nas artes belas e das pombas-giras vinculado aos projetos Terra de de Santo e Mapeando a noite; *Devassos no Paraíso, Bichas e Putas em um País Tropical: Discutindo Arqueologias e Sexualidades*, com o objetivo de através de cartografias não-usuais construir representações da cidade de Pelotas trazendo diferentes formas de protagonismo da comunidade LGBTI+ e de trabalhadoras sexuais, vinculado ao projeto Mapeando a noite; e a *Roda de Chimarrão no Passo dos Negros*, uma atividade que vem sendo realizada em todas as edições do evento e que se configura enquanto uma imersão de pesquisadores/as na região do Passo dos Negros, proporcionando uma roda de conversa com os moradores dessa localidade. Nesta edição, uma atividade dirigida às crianças do Passo dos Negros também acompanhou a roda de conversa.

Assim, dentre todas essas atividades, qual seria a concretude da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão?

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante os dias de evento, a integração ensino, pesquisa e extensão esteve presente em diferentes nuances. Para Moita e Andrade (2009) a indissociabilidade entre esses três aspectos é falha nas práticas universitárias, ao passo que nos cursos de graduação o enfoque pertence ao ensino e, em contrapartida, na pós-graduação a pesquisa exalta-se enquanto principal componente. Fica o questionamento de como a Extensão encaixa-se nessas dualidades.

Trazemos o argumento de que as atividades extensionistas, como caracteriza-se o evento Cidades em Transe: Cotidianos em Conexão, podem ser visualizadas enquanto práticas e metodologias de ensino, excepcionalmente nesse caso, nas ciências humanas e sociais. Sua importância se dá na formação de antropólogas/os que, por característica da própria área do conhecimento, precisam envolver-se fora dos muros e salas da Universidade. Como aprender a realizar etnografias, ou como Roberto Cardoso de Oliveira (2006) ensina “Olhar, Ouvir e Escrever”, sem contato direto com comunidades? No caso dos projetos do GEEUR, esses encontros acontecem por conta do Margens, das idas e vindas de uma prática de pesquisa que não acontece, cria forma ou sensibiliza se não for através da extensão.

Os questionamentos anteriores trazem diferentes divagações e múltiplas respostas de como ocorre ou deva ocorrer a formação de Antropólogas/os no Brasil. Pensando a partir de sua inserção em atividades de pesquisa. Acreditamos que, como Mazzilli (2011) diz, a extensão nas Universidades brasileiras teve por funcionalidade uma “prestação de serviços”. O que é deveras contraditório a

movimentos de universalização do conhecimento e desses espaços. Não devemos “prestar serviços”, mas construir juntos novas formas de pensar sobre diferentes assuntos e narrativas sobre a cidade de Pelotas e seus diversos grupos.

A partir dessa discussão gostaríamos de discorrer sobre como a atividade de pesquisa é passível de desenvolvimento através da extensão. Até porque, se assim não ocorre, este trabalho e tantos outros (CARDOSO et Al, 2018; FUNARI, ALFONSO, 2019; GARCIA et Al., 2017; PREVITALI, ALFONSO, 2018; Apenas para citar alguns) não existiriam. Trabalhos estes realizados a partir do envolvimento de pesquisadores/as em atividades desse caráter, em especial no âmbito do Projeto Margens e seus desdobramentos e envolvimento.

A criação do evento e a escolha dos espaços para sua realização são aspectos de devida importância nesse relato, porque geram e irão gerar discussões sobre os conflitos que são proporcionados pela hierarquização de espaços nas cidades. Nos perguntamos, retoricamente, por que *conseguir* espaços para a realização de determinadas atividades foi tanto tortuoso e, em muitos momentos, impossibilitado.



Fotografias das ações realizadas no âmbito do Evento Cidades em Transe: Cotidianos em Conexão.

4. CONCLUSÕES

Tivemos dificuldades, risos, conversas e aproximações que a sala de aula não nos proporciona. Ao menos, não da mesma maneira. Rodas de conversas, oficinas e um estar na cidade que são aprendizagens necessárias a formação de antropólogas/os, como também de outros profissionais e pesquisadores. Essa é uma das características do *Margens*: a multidisciplinariedade. Acreditamos que esse conceito, na prática em que imersas/os nos encontramos, deixa de ser apenas uma profusão de diferentes teorias e áreas do conhecimento unidas, mas

a formação de um grupo composto por uma multitude de sujeitos. Como melhor compreender uma cidade plural, do que a partir de uma pluralidade dos próprias/os pesquisadores? É uma pergunta retórica. Ela se responde ao passo que a prática não se desassocia da aprendizagem, é aprender o que já se sabe e o que também não se sabe (LAVE, 2015).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARDOSO, A. R. ; PREVITALI, W. F. ; DUARTE JUNIOR, L. A. F. ; SILVA, M. F. ; ALFONSO, L. P. . ?NADA CONTRA, TENHO ATÉ AMIGOS QUE SÃO...?. In: **CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA DA UFPEL**, 2018, Pelotas. **Anais do Congresso de Extensão e Cultura da UFPEL**. Pelotas: Ed. da UFPEL, 2017.

FUNARI, P. P. A. ; ALFONSO, L. P. . Increasing Heritage Awareness Through Community Participation: African-Brazilian Community Participation in a Diversity Context. In: JAMESON, J.; MUSTEATA, S. **One World Archaeology**. 1ed.Cham: Springer International Publishing, 2019, v. , p. 143-158.

GARCIA, T. M. ; RUCHAUD, G. G. ; ALFONSO, L. P. . VISIBILIDADE DAS NARRATIVAS, DA MATERIALIDADE E DAS LUTAS DO PASSO DOS NEGROS. In: **CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA DA UFPEL**, 2018, Pelotas. **Anais do Congresso de Extensão e Cultura da UFPEL**. Pelotas: Ed. da UFPEL, 2017. p. 371-376.

LAVE, Jean. Aprendizagem como/na prática. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre , v. 21, n. 44, p. 37-47, dez. 2015 .

MAZZILLI, S.. Ensino, pesquisa e extensão: reconfiguração da universidade brasileira em tempos de redemocratização do Estado. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação - Periódico científico editado pela ANPAE**, [S.I.], v. 27, n. 2, dez. 2011.

MOITA, F. M. G. S. e ANDRADE, F. C. B. Ensino-pesquisa-extensão: um exercício de indissociabilidade na pós-graduação. **Revista Brasileira de Educação**, Ago vol.14, no. 41, p.269-280, 2009.

OLIVEIRA, R. C. **O trabalho do antropólogo**. 3ª ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora Unesp, 2006.

PREVITALI, W. F. ; ALFONSO, L. P. . MARGENS: ENTRE A ANTROPOLOGIA VISUAL E O FAZER DOCUMENTÁRIO. In: SANTOS, A. B.; MACHADO, J. P. **Fenômenos culturais no amálgama social**. 1ed.Jaguarão: Claec, 2018, v. , p. 1-1804.